



Universidade da Amazônia

Sermão dos Bons Anos

de Padre Antonio Vieira



NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 210-3196 / 210-3181

www.nead.unama.br

E-mail: uvb@unama.br

Sermão dos Bons Anos

de Pe. Antonio Vieira

Pregado em Lisboa, na Capela Real, no ano de 1642

Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus, quod vocatum est ab angelo, priusquam in utero conciperetur. – Luc. II.

CAPÍTULO I

Em um Mundo tão avarento de bens, onde apenas se encontra com um bom dia, ter obrigação de dar bons-anos, dificultoso empenho! Deus, que é autor de todos os bens, os dê a Vossas Reais Majestades felicíssimos (mui altos e mui poderosos Reis e Senhores nossos) com a vida, com a prosperidade, com a conservação e aumento de estados que as esperanças do Mundo publicam, que o bem da Fé Católica deseja, que a Monarquia de Portugal há mister e que eu hoje quisera prometer e ainda assegurar.

Em um Mundo, digo, tão avarento de bens, onde apenas se encontra com um bom-dia, ter obrigação de dar bons-anos, dificultoso empenho! E na minha opinião cresce ainda mais esta dificuldade, porque isto de dar bons-anos, entendo-o de diferente maneira do que comumente se pratica no Mundo. Os bons-anos não os dá quem os deseja, senão quem os assegura. A quantos se desejaram nesta vida, a quantos se deram os bons-anos, que os não lograram bons, senão mui infelizes? Segue-se logo, própria e rigorosamente falando, que não dá os bons-anos quem só os deseja, senão quem os faz seguros. Esta é a dificuldade a que me vejo empenhado hoje, que o tempo e o Evangelho fazem ainda maior. Em todo o tempo é dificultoso cousa segurar anos felizes; mas muito mais em tempo de guerras e em tempo de felicidades. Se o dia dos bens é véspera dos males; se para merecer uma desgraça, basta ter sido ditoso, quem fará confiança em glórias presentes, para esperar prosperidades futuras? Se a campanha é uma mesa de jogo onde se ganha e se perde; se as bandeiras vitoriosas mais firmes seguem o vento vário que as meneia, quem se prometerá firmeza na guerra, que derruba muralhas de mármore? E como a guerra e a felicidade são dois acidentes tão vários; como a Fortuna e Marte são dois árbitros do Mundo tão inconstantes, como poderei eu seguramente prometer bons-anos a Portugal, em tempo que o vejo por uma parte com as armas nas mãos, por outra com as mãos cheias de felicidade? Se apelo para o Evangelho, também parece que promete ameaças, mais que esperanças; porque nos aparece nele um cometa abrasado e sanguinolento, *ut circumcideretur puer*, e os cometas desta cor sempre foram fatais aos reinos e formidáveis às monarquias.

Terret fera regna cometes sanguineum spargens ignem – disse lá Sílio. A matéria dos cometas são os vapores, ou exalações da terra subidas ao céu; e como no mistério da Encarnação subiu ao Céu a terra de nossa humanidade, que outra cousa parece Cristo hoje com o sangue da circuncisão, senão um cometa abrasado e sanguinolento, e por isso funesto e temeroso? Ora com isto se representar assim, com o Evangelho e o tempo parecer que nos prometem poucas esperanças de felizes anos, do mesmo tempo e do mesmo Evangelho hei de tirar hoje a prova e segurança deles Será pois a matéria e empresa do sermão esta: *Felicidades de*

Portugal, juízo dos anos que vêm. Digo dos anos, e não do ano, porque quem tem obrigação de dar bons-anos, não satisfaz com um só, senão com muitos. Funda-me o pensamento o mesmo Evangelho, que parece o desfavorecia; porque toda a matéria e sentido dele é um prognóstico de felicidades futuras.

Toda a matéria do brevíssimo Evangelho que hoje canta a Igreja vem a ser a circuncisão de Cristo e o nome santíssimo de Jesus. E destes dois grandes mistérios se compôs uma constelação benigníssima, que tomada no horizonte oriental de Cristo, foi figura de todo o bem e remédio do Mundo. que o Senhor havia de obrar em seus maiores anos. S. Cirilo: *Vocatum est nomen ejus Iesus, quod interp,etatur Salvator; editus enim fuit ad totius mundi salutem, quam sua circumcissione praefiguravit*. Grande palavra! De sorte que circuncidar-se Cristo e chamar-se Jesus no dia de hoje, foi levantar figura – *praefiguravit* – aos sucessos dos anos seguintes, à salvação e felicidades futuras de todo o género humano: *Totius mundi, salutem, quum sua circumcissione praefiguravit*. Nem desfaz esta verdade a representação do sanguinolento, com que parece nos atemorizava Cristo nos efeitos da circuncisão; porque aquele belo infante não é cometa, é planeta; não é terra subida ao céu, é céu descido à terra. E o céu, quando se põe de vermelho, que prognostica? – O mesmo Cristo o disse, que não é menos que sua esta matemática: *Serenum erit, rubicundum est enim caelum*. Quando o céu se veste de vermelho, prognostica serenidade. Sempre a serenidade foi título natural das púrpuras. E como aquele Céu animado, como aquele Rei celestial se veste da púrpura de seu sangue, serenidades e felicidades grandes nos prognostica. que nas ações do tempo e nas palavras do Evangelho iremos discorrendo por partes.

CAPÍTULO II

Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus, quod vocatum est ab angelo, priusquam in utero conciperetur. Começemos por estas últimas palavras.

Diz S. Lucas que, passados os oito dias, termo da circuncisão, lhe puseram a Cristo por nome Jesus; e nota, antes manda notar o Evangelista, que este nome foi anunciado pelo Anjo, antes que o Senhor fosse concebido: *Quod vocatum est ab angelo, priusquam in utero conciperetur*. Dá razão desta advertência a glossa interlineal, e diz que foi: *Ne homo videretur machinator hujus nominis*: «Para que não parecesse este glorioso nome maquinado por invento de homens», senão mandado, como era, pela verdade de Deus. Entrou Cristo no Mundo a reduzi-lo com nome de Salvador e Libertador, que isso quer dizer Jesus; pois para que esta apelidada liberdade não a possa julgar alguém por invenção e obra humana, seja profetizada e revelada primeiro por um ministro da Providência Divina: *Quod vocatum est ab angelo, priusquam in utero conciperetur*.

Não quero referir profecias do bem que gozamos, porque as suponho mui pregadas neste lugar e mui sabidas de todos; reparar sim, e ponderar o intento delas quisera. Digo que ordenou Deus que fosse a liberdade de Portugal, como os venturosos sucessos dela, tanto tempo antes e por tão repetidos oráculos profetizada, para que, quando víssemos estas maravilhas humanas, entendêssemos que eram disposições e obras divinas, e para que nos alumiasse e confirmasse a fé onde a mesma admiração nos embaraçasse. (Falo de fé menos rigorosa, quanta cabe em matérias não definidas, posto que de grande certeza.) Alega Cristo um texto do Salmo XL, em que descreve David o meio extraordinário por onde os

procedimentos injustos de um mau homem dariam princípio à redenção de todos, como seria traído o Redentor, como o pretenderiam derrubar por engano do seu estado; e intimando o Senhor o caso aos discípulos, disse estas particulares palavras: – *Dico vobis antequam fiat, ut cum factum fuerit credatis quia ego sum*: «Eu sou este de quem aqui fala David (que assim explicam o lugar Santo Agostinho, Ruperto, Teofilato e outros); e digo-vos isto antes que aconteça, para que depois de acontecer o creiais.»

Notável teologia, por certo! Se o Senhor dissera Digo-vos estas cousas para que creiais, antes que aconteçam, facilmente dito estava; isso é fé – crer o que não se vê; mas dizer as causas antes que se façam, a fim de que se creiam depois de feitas: *Ut cum factum fuerit credatis?! O que está feito, o que se vê, o que se apalpa necessita de fé?! – Algumas vezes sim; porque sucedem casos no Mundo, como este de que Cristo falava, tão novos e inauditos; sucedem cousas tão raras, tão prodigiosas e por meios de proporção tão desigual e muitas vezes tão contrários ao mesmo fim, que, ainda depois de vistas com os olhos, ainda depois de experimentadas com as mãos, não basta a evidência dos sentidos para as não duvidar, é necessário recorrer aos motivos da fé para lhes dar crédito: Dico vobis antequam fiat, ut cum factum fuerit, credatis. Tais considero eu os sucessos nunca imaginados de nosso Portugal, que, como excessivamente nos acreditam, assim excedem todo o crédito.*

Quis Deus que fossem tantos anos antes e tão vulgarmente profetizados estes sucessos, não tanto para os esperarmos futuros, quanto para os crermos presentes; não para nos alentarem a esperança antes de sucederem, mas para nos confirmarem a fé depois de sucedidos. Haviam de suceder as cousas de Portugal, como sucederam, de tão prodigiosa maneira, que, ainda depois de vistas, parece que as duvidamos; ainda depois de experimentadas, quase as não acabamos de crer: pois profetize-se esta venturosa liberdade e ainda o nome felicíssimo do libertador, muito tempo antes – *priusquam in utero conciperetur* –, para que entre as dúvidas dos sentidos, entre os assombros da admiração, peçam os olhos socorro à fé e creiam o que vêem por profetizado, quando o não creiam por visto.

Por duas razões se persuadem mal os homens a crer algumas cousas: ou por muito dificultosas, ou por muito desejadas; o desejo e a dificuldade fazem as cousas pouco críveis. Era Sara de idade de noventa anos, sobre estéril; promete-lhe um anjo que Deus lhe daria fruto de bênção; e diz a Escritura que se riu e zombou muito disso Sara; e ainda depois de ter um filho chamou-lhe Isac, que quer dizer riso: *Risum fecit mihi Deus*. Estava S. Pedro em poder de el-rei Herodes preso e com apertada guarda; apareceu-lhe outro anjo, que lhe quebrou as cadeias e o livrou; e diz o texto sagrado: *Existimabat autem se visum videre*: que «cuidava Pedro que aquilo era sonho e ilusão». Pois Pedro, pois Sara, que incredulidade é esta? Vê-se Sara com um filho nos braços, e chama-lhe riso?! Vê-se Pedro com as cadeias fora das mãos, e chama-lhe sonho?! – Assim havia de ser, porque ambas eram cousas muito dificultosas e ambas muito desejadas. Desejava Sara um filho, como a sucessão de sua casa; desejava Pedro a liberdade, como a mesma liberdade bem da Igreja. A sucessão de Sara estava em poder de noventa anos; a liberdade de Pedro estava em poder de Herodes e de seus soldados; e como a dificuldade era tão grande e o desejo igual à dificuldade, ainda que viam com seus olhos e tinham nas mãos o que desejavam, a Sara, parecia-lhe cousa de riso, a Pedro parecia-lhe cousa de sonho. Que Sara estéril haja de ter filho! Que a prosápia real portuguesa esterilizada e atenuada na décima sexta geração, haja de ter descendente que lhe suceda! Que Sara, depois de noventa anos, que a coroa de Portugal, depois de

sessenta, o que não teve quando estava na flor de sua idade, o que não teve quando estava com todas as suas forças o viesse alcançar depois de tão envelhecida e quebrantada! Muito desejávamos, muito suspirávamos por este bem, .mas quanto maior era o desejo, tanto mais parecia. e quase parece ainda cousa de riso: *Risum fecit mihi Deus*. Que Pedro em poder de el-rei Herodes; que Portugal em poder não de um. senão de muitos reis que o dominavam, lhes houvesse de escapar das mãos tão facilmente! Que Pedro cercado de guardas – *Quator quaternionibus militum*; que Portugal, presidiado de infantaria em tantos castelos, em tantas fortalezas, sem se arrancar uma espada, sem se disparar um arcabuz; conseguisse em uma hora sua liberdade! Era empresa esta tão dificultosa, representava-se tão impossível ao discurso humano, que ainda agora parece que é sonho e ilusão: *Existimabat se visum videre*. Assim lhes aconteceu aos filhos de Israel, quando se viram livres do cativo de Babilónia: *In convertendo Dominus captivitatem Sion facti sumus* (lê o hebreu) *sicut somniantes*: que incrédulos, de admirados, «tinham a verdade por imaginação e cuidavam que estavam sonhando o que viam com os olhos abertos.» E como os sucessos de nossa restauração eram matérias de tão dificultoso crédito, que, ainda depois de vistos, parecem sonho e quase se não acabam de crer, ordenou Deus que fossem tanto tempo antes, como tão singulares circunstâncias e com o nome do mesmo libertador profetizadas, para que a certeza das profecias desfizesse os escrúpulos da experiência; para que, sendo objecto da fé, não parecesse ilusão dos sentidos; para que, revelando-as tantos ministros de Deus, se visse que não eram inventos dos homens: *Ne homo videretur machinator hujus nominis, quod vocatum est ab angelo, priusquam in utero conciperetur*.

CAPÍTULO III

Temos considerado o *priusquam*, vamos agora ao *postquam*: *Postquam consummati sunt dies octo, ut circumcideretur puer*. O que aqui pondera e sente muito a piedade dos santos, principalmente S. Bernardo, é que, nascido de oito dias, sujeitasse o Senhor aquele corpozinho tenro ao duro golpe da circuncisão. Tão depressa?! Aos oito dias já derramando sangue?! Desta pressa se espantam os Doutores; mas eu não me espanto senão deste vagar. Que venha Cristo a remir – e que espere dias?! E que espere horas?! E que espere instantes?! Quem cuida que é pouco tempo oito dias, mal sabe o que é esperar pela Redenção.

Quando Cristo se encontrou com os discípulos de Emaús, iam eles contando a história de seu Mestre e a causa que os levava peregrinos por esse Mundo, e disseram estas notáveis palavras: *Nos autem sperabamus, quia ipse esset redempturus Israel; et nunc super haec omnia tertia dies est hodie*: «Nós esperávamos que este nosso Mestre havia de remir o povo de Israel; e no cabo de tudo isto, vemos agora que já se vão passando três dias.» Três dias?! Pois que muito é isso? Que espaço de tempo são três dias para uns homens desmaiarem? Para uns homens se entristecerem? Para uns homens se desesperarem tanto? – Não se desesperavam, porque eram três dias, senão porque eram três dias de esperar pela Redenção. Esperavam aqueles discípulos que o Senhor havia de remir a Israel: *Nos autem sperabamus quia ipse esset redempturus Israel*. E para quem está cativo, para quem espera pela Redenção, três dias é muito tempo: *Et nunc super haec omnia*: como se foram passadas três eternidades: *Tertia dies est hodie*: Já se vão passando três dias; é muito tempo para quem espera pela Redenção, quanto mais tempo seriam os oito dias que se dilatou a circuncisão de Cristo, pois

esperava o Mundo neles, que começasse o Senhor a derramar o sangue e dar o preço com que o remiu!

Não há dúvida que foi muito cedo para a dor, mas não foi muito cedo para o remédio; foram poucos dias para quem vivia. mas muitos para quem esperava. Bem o entendeu assim o Evangelista; porque, havendo de contar estes oito dias, veja-se o aparato de palavras com que o faz: *Postquam consummati sunt*: «depois que foram consumados»; parece que armava a dizer oito séculos, ou oito mil anos, segundo a grandeza vagarosa e a ponderação das palavras; e no cabo disse: *dies octo* – oito dias, que, como eram dias de esperar Redenção, ainda Que não foram mais que oito, pareciam uma duração muito comprida, e que não acabavam de chegar, segundo tardavam: *Postquam consummati sunt*.

E se oito dias de esperar pela redenção, e ainda três dias, é tanto tempo; quanto seria, ou quanto pareceria, não três dias, nem oito dias, não três anos, nem oito anos, senão sessenta anos inteiros nos quais Portugal esteve esperando sua redenção, debaixo de um cativo tão duro e tão injusto! Não me paro a ponderar; porque em dia tão de festa, não dizem bem memórias de tristezas, ainda que os males passados, parte vêm a ser de alegria. O que digo é que nos devemos alegrar com todo o coração e dar imortais graças a Deus, pois vemos tão felizmente logradas nossas esperanças. Nem nos pese de ter esperado tão longamente; porque se há de recompensar a dilação da esperança com a perpetuidade da posse. Perguntam os Teólogos como São Tomás na terceira parte, porque se dilatou tanto tempo o mistério da Encarnação, porque não desceu o Verbo Eterno a remir o Mundo, senão depois de tantos anos? Várias razões dão os Doutores: a de Santo Agostinho é muito própria do que queremos dizer: *Diu fuit expectandus, semper tenendus*: Quis o Verbo Eterno que esperassem os homens e suspirassem tantos séculos por sua vinda, porque era bem que fosse muito tempo esperado um bem que havia de ser sempre possuído. Haviam os homens de gozar para sempre a presença de Cristo, havia o Verbo de ser homem perpetuamente: porque – *Quod semel assumpsit nunquam demisit* – o que uma vez tomou, nunca mais o largou; seja pois este bem por muito tempo esperado, pois há de ser por todo o tempo possuído, e mereça com as dilações da esperança a perpetuidade da posse: *Diu fuit expectandus, semper tenendus*.

Não necessita de acomodação o lugar; de firmeza sim, pelas dependências que tem no futuro; mas um espírito profético e português nos fiará a conjectura desta tão gostosa verdade. S. Frei Gil, religioso da sagrada ordem de S. Domingos, naquelas suas tão celebradas profecias, diz desta maneira: *Lusitania sanguine orbata regio diu ingemiscet*. «A Lusitânia o reino de Portugal, morrendo seu último rei sem filho herdeiro, gemerá e suspirará por muito tempo.» *Sed propitius tibi Deus*: «Mas lembrar-se-á Deus de vós, ó Pátria minha» – diz o Santo; *Et insperate ab insperato redimeris*: «e sereis remida não esperadamente por um rei não esperado». E depois de assim remido, depois de assim libertado Portugal, que lhe sucederá? – *Africa debellabitur*. Será vencida e conquistada África. *Imperium ottomanum ruet*. O império otomano cairá sujeito e rendido a seus pés. *Domus Dei recuperabitur*. A casa santa de Jerusalém será finalmente recuperada. E por coroa de tão gloriosas vitórias, *Aetas aurea reviviscet*. «Ressuscitará a idade dourada.» *Pax ubique erit*. «Haverá paz universal no Mundo.» *Felices qui viderint*. «Ditosos e bem-aventurados os que isto virem!»

Até aqui S. Frei Gil profetizando. De sorte que, assim como antes da Redenção houve suspirar e gemer, assim depois da Redenção haverá possuir e gozar; e assim como os suspiros e gemidos duraram por tantos anos, assim as

felicidades e bens permanecerão sem termo e sem limite. O muito, quer Deus que não custe pouco, e era justo que a tanta glória precedesse tanta esperança, e que quem havia de gozar sempre, suspirasse muito: *Lusitania diu ingemiscet. Diu fuit expectandus, semper tenendus.*

E já que vai de esperanças, não deixemos passar sem ponderação aquelas palavras misteriosas da profecia: *Inspérate ab insperato redimeris.* De propósito reparei nelas, para refutar com suas próprias armas alguma relíquia, que dizem que ainda há daquela seita ou desesperação dos que esperavam por el-rei D. Sebastião, de gloriosa e lamentável memória. Diz a profecia: *Inspérate ab insperato redimeris:* «Que seria remido Portugal não esperadamente por um rei não esperado.» Segue-se logo, evidentemente, que não podia el-rei D. Sebastião ser o libertador de Portugal, porque o libertador prometido havia de ser um rei não esperado: *Inspérate ab insperato;* e el-rei D. Sebastião era tão esperado vulgarmente, como sabemos todos. Assim que os mesmos sequazes desta Opinião, com seu esperar, destruíram sua esperança; porque quanto o faziam mais esperado, tanto confirmavam mais que não era ele o prometido; podendo-se-lhe aplicar propriamente aquelas palavras que S. Paulo disse de Abraão: *Contra spem in spem credidit,* que «creram em uma esperança contrária à sua mesma esperança»; porque pelo mesmo que esperavam, tinham obrigação de não esperar.

CAPÍTULO IV

Mas ainda que concedamos que os Portugueses não souberam esperar, não lhes neguemos que souberam amar, e com muita ventura; que talvez buscando a um rei morto, se vêm a encontrar com um vivo. Morto buscava a Madalena a Cristo na sepultura, e a perseverança e amor com que insistiu em o buscar morto, foi causa de que o Senhor lhe enxugasse as lágrimas e se lhe mostrasse vivo. Grande exemplar temos entre mãos! Assim como a Madalena, cega de amor, chorava às portas da sepultura de Cristo, assim Portugal, sempre amante de seus reis, insistia ao sepulcro de el-rei D. Sebastião, chorando e suspirando por ele; e assim como a Madalena no mesmo tempo tinha a Cristo presente e vivo, e o via com seus olhos e lhe falava e não o conhecia, porque estava encoberto e disfarçado, assim Portugal tinha presente e vivo a el-rei nosso senhor, e o via e lhe falava e não conhecia. Porquê? – Não só porque estava, senão porque ele era o encoberto. Ser o encoberto e estar presente, bem mostrou Cristo neste passo que não era impossível. E quando se descobriu Cristo? Quando se manifestou este Senhor encoberto? Até esta circunstância não faltou no texto. Disse a Madalena a Cristo: *Tulerunt Dominum meum:* «Levaram-me o meu Senhor»; e o Senhor não lhe deferiu. *Nescio ubi posuerunt eum:* queixou-se que não sabia onde lho puseram; e dissimulou Cristo da mesma maneira. *Si tu sustulisti eum:* «Se vós, Senhor, o levastes, *dicito mihi,* dizei-mo»; e ainda aqui se deixou o Senhor estar encoberto sem se manifestar. Finalmente, alentando-se a Madalena mais do que sua fraqueza permitia, e tirando forças do mesmo amor, acrescentou: – *Et ego eum tollam:* «E eu o levantarei.» E tanto que disse – eu o levantarei: *Ego eum tollam,* então se descobriu o Senhor, mostrando que ele era por quem chorava; e a Madalena o reconheceu e se lançou a seus pés.

Nem mais nem menos Portugal, depois da morte de seu último rei. Buscava-o por esse Mundo, perguntava por ele, não sabia onde estava, chorava, suspirava, gemia, e o rei vivo e verdadeiro deixava-se estar encoberto e não se manifestava,

porque não era ainda chegada a ocasião; porém tanto que o Reino, animoso sobre suas forças, se deliberou a dizer resolutamente: *Ego eum tollam*: eu o levantarei e sustentarei com meus braços, então se descobriu o encoberto Senhor, porque então era chegado o tempo, dizendo-nos aos Portugueses o que diz S. Gregório que disse Cristo à Madalena manifestando-se: *Recognosce eum, a quo recognosceris*: «Reconhecei a quem vos reconhece»; reconhecei por rei, a quem vos reconhece por vassalo. Então sim, e não antes; então sim, e não depois; porque aquele e não outro era o tempo oportuno e determinado de dar princípio à nossa redenção.

Recebeu Cristo o golpe da circuncisão e deu princípio à Redenção do Mundo, não antes nem depois, senão pontualmente aos oito dias: *Dies octo, ut circumcideretur puer*. Pois porque antes, ou porque não depois? Não se circuncidara ao dia sétimo? Não se circuncidara ao dia nono? Porque não antes nem depois, senão ao oitavo? – A razão foi porque as cousas que faz Deus e as que se hão de fazer bem feitas, não se fazem antes, nem depois, senão a seu tempo. O tempo assinalado nas Escrituras para a circuncisão era o dia oitavo, como se lê no *Gênesis* e no *Levítico*: *Die octavo circumcideretur infantulus*. E por isso se circuncidou Cristo, sem se antecipar, nem dilatar aos oito dias: *Postquam consummati sunt dies octo*; porque como o Senhor remiu o gênero humano por obediência aos decretos divinos, o tempo que estava assinalado na lei para a circuncisão era o que estava predestinado para dar princípio à redenção do Mundo. Da mesma maneira se deu princípio à redenção e restauração de Portugal em tais dias e em tal ano, no celebradíssimo de 40, porque esse era o tempo oportuno e decretado por Deus; e não antes nem depois, como os homens quiseram. Quiseram os homens que fosse antes, quando sucedeu o levantamento de Évora; quiseram os homens que fosse depois, quando assentaram que o dia da aclamação fosse o 1º de Janeiro, hoje faz um ano; mas a Providência Divina ordenou se antecipasse, para que pontualmente se desse princípio à restauração de Portugal a seu tempo: *Postquam consummati sunt dies octo*.

CAPÍTULO V

Daqui fica tacitamente respondida uma não mal fundada admiração, com que parece podíamos reparar os Portugueses, em que os sereníssimos duques de Bragança vivessem retirados todos estes anos, sem acudir à liberdade do Reino, como legítimos herdeiros que eram dele. Respondido está; declaro mais a resposta: Cristo, Redentor nosso, ainda em quanto homem, como provam muitos Doutores, era legítimo herdeiro da coroa de Israel: *Dabit illi Dominus Deus sedem David Patris ejus: et regnabit*. Tinha tiranizado este reino Herodes, homem estrangeiro, a quem por este e por muitos outros títulos não pertencia; e como, sobre ter usurpado o Reino, lhe quisesse tirar a vida a Cristo, diz o texto, que o Senhor se lhe não opôs, antes se retirou para o Egipto: *Secessit in Aegyptum*. Notável ação! Não sois vós, Senhor, o verdadeiro Rei de Israel, como legítimo herdeiro seu, que, ainda que não empunhais o ceptro, Rei sois e Rei nascestes, e assim o confessam as nações e reis estrangeiros: *Ubi est qui natus est Rex Judiorum?* Pois como vos retirais agora, como vos não apondes à tirania de Herodes, como ides viver ao Egipto, e tantos anos? Não vedes o que padecem tantos inocentes? Não ouvis que já chegam ao Céu as vozes da lastimada Raquel, que chora seus filhos: *Vox in Rama audita est, ploratus et ululatus multus, Raquel plorans filios suos?* Pois se a vós, como a Rei natural, incumbe a restauração do Reino, como vos retirais da empresa? Nem me

aleguem em contrário os poucos dias que tinha o Senhor de vida ou de idade, depois dos oito da circuncisão, porque na mesma circuncisão e na mesma retirada do Egito tinha e lhe sobejava tudo o que era necessário para livrar do cativo os que nele tinham a esperança da liberdade. Ou Cristo os havia de remir com o sangue próprio, ou com o alheio: se com o próprio, bastava uma só gota do sangue da circuncisão, para remir não só o reino de Israel, senão todo o Mundo. Se com o sangue alheio o mesmo anjo que disse a S. José: *Fuge in Aegyptum*, podia fazer a Herodes e a todos seus presídios e soldados, o que outro anjo fez aos exércitos de el-rei Senaquerib, matando em uma noite oitenta e cinco mil dos que sitiavam a mesma Jerusalém. Pois se isto era não só possível, mas fácil, ao legítimo e verdadeiro Rei de Israel, porque o não executou então? – Porque não era ainda chegado o tempo, diz excelentemente S. Pedro Crisólogo: *Cedens tempori non Herodi*. Tinha decretado e disposto, que o tempo da Redenção fosse dali a trinta e três anos' e se a Providência Divina, que tudo pode, espera pelas disposições e circunstâncias do tempo; quanto mais a providência humana, a qual o não seria, se com toda a atenção e vigilância as não observasse, aguardando pelas mais convenientes e oportunas que Deus e o mesmo tempo lhe oferecesse! Assim que, podiam responder aqueles príncipes, como legítimos e naturais senhorios e herdeiros da coroa de seus avós, o que em semelhante caso disseram os famosos Macabeus, assim antes como depois de restituídos ao seu próprio patrimônio: *Neque alienam terram sumpsimus, neque aliena detinemos, sed haereditatem patrum nostrorum, quae injuste ab aliquo tempore ab inimicis nostris possessu est; nos vero tempus habentes vindicamus haereditatem patrum nostrorum*.

E foi de tanta importância esperar pela oportunidade do tempo, que por esta dilação se veio a lograr aquela primeira máxima de toda a razão de estado, assim da Providência Divina, como da providência humana, que é saber concordar estes dois extremos: conseguir o intento e evitar o perigo. Já perguntamos que razão teve Cristo para receber a circuncisão ao oitavo dia conforme a Lei. Agora pergunto: que razão teve a Lei para mandar que a circuncisão se fizesse ao oitavo dia? A circuncisão naquele tempo era o remédio do pecado original, como hoje o é o batismo, bem que com diferente perfeição. Pois se na circuncisão consistia o remédio do pecado original, e a liberdade das almas cativas pelo pecado; porque não mandava Deus que se circuncidassem os meninos logo quando nasciam, ou ao terceiro ou ao quarto dia, senão ao oitavo? – A razão literal foi, diz o Abulense, porque quis Deus aplicar o remédio de tal maneira, que se evitasse o perigo: *Quia ante octo dies potest esse vitae periculum*. Quando os meninos nascem, em todos aqueles primeiros sete dias correm grande perigo de vida, porque são dias críticos e arriscados, como dizem Aristóteles e Galeno; pois ainda que o remédio dos recém-nascidos e sua espiritual liberdade consistia na circuncisão, não se circuncidem, diz a Lei, senão ao oitavo dia, passados os sete que essa é a excelente razão de estado da providência de Deus saber dilatar o remédio, para escusar o perigo: dilate-se o remédio da circuncisão até o oitavo dia, para que se evite o perigo da vida, que há do primeiro ao sétimo: *Quia ante octo dies potest esse vitae periculum*.

Se Portugal se levantara enquanto Castela estava vitoriosa, ou, quando menos, enquanto estava pacífica, segundo o miserável estado em que nos tinham posto, era a empresa mui arriscada. eram os dias críticos e perigosos; mas como a Providência Divina cuidava tão particularmente de nosso bem, por isso ordenou que se dilatasse nossa restauração tanto tempo, e que se esperasse a ocasião oportuna do ano de quarenta, em que Castela estava tão embaraçada com inimigos, tão apertada com guerras de dentro e de fora; para que, na diversão de suas

impossibilidades, se lograsse mais segura a nossa resolução. Dilatou-se o remédio, mas segurou-se o perigo. Quando os Filisteus se quiseram levantar contra Sansão, aguardaram a que Dalila lhe tivesse presas e atadas as mãos, e então deram sobre ele. Assim o fizeram os Portugueses bem advertidos. Aguardaram a que Catalunha atasse as mãos ao Sansão que os oprimia, e como o tiveram assim embaraçado e preso. então se levantaram contra ele tão oportuna como venturosamente.

Mas vejo que me dizem os lidos na Escritura, que é verdade que os Filisteus se levantaram contra Sansão, mas que ele soltou as ataduras. voltou sobre eles e desbaratou-os a todos. Primeiramente muito vai de Sansão a Sansão e de Filisteus a Filisteus. Mas dado que em tudo fora a semelhança igual, esta mesma réplica confirma mais o meu intento. Não tiveram bom sucesso os Filisteus, porque ainda que nós os imitamos em parte, eles não nos deram exemplo em tudo. Intentaram, mas não conseguiram; porque as diligências que fizeram não as aplicaram a tempo. As diligências que fizeram os Filisteus contra Sansão, foi atarem-lhe as mãos e cortarem-lhe os cabelos; mas não aproveitaram estes efeitos, ainda que se obraram: porque, devendo-se fazer ao mesmo tempo, fizeram-se em diversos. Quando lhe ataram as mãos, deixaram-lhe ficar os cabelos. com que teve força para se desatar; quando lhe cortaram os cabelos deixaram-lhos crescer outra vez com que teve mãos para se vingar. Pois que remédio tinham os Filisteus para se livrarem de todo e acabarem de uma vez com Sansão? – O remédio era fazerem como nós fizemos e como nós fazemos e como nós havemos de fazer: enquanto Sansão está com as mãos atadas, cortar-lhe os cabelos no mesmo tempo, e acabou-se Sansão. Assim o podiam vencer os Filisteus com muita facilidade, que doutra maneira não seria tão fácil. Porque se lhe não cortassem os cabelos, teria forças para desatar as mãos, e se desatassem as mãos, seria necessária muita força para lhe cortar os cabelos. Tanto como isto importa executar os remédios a tempo, como nós, por mercê de Deus, o temos feito até agora tão felizmente, conseguindo a maior empresa e evitando o menor perigo; porque soubemos esperar pelos dias oportunos, como mandava a Lei esperar pelos da circuncisão: *Dies octo, ut circumcideretur puer.*

CAPÍTULO VI

Ut circumcideretur puer vocatum est nomen ejus Jesus. Tanto que se circuncidou o Menino, logo se chamou Salvador. Mas com que conseqüência? – pergunta S. Bernardo: *Circumciditur puer et vocatur Jesus; quid sibi vult ista connexio?* Que parentesco tem o nome com a ação? Que combinação tem o salvar com o circuncidar-se? Três razões acho nos santos; duas repito, uma só pondero. S. Bernardo e Eusébio Emisseno, dizem que foi a circuncisão de Cristo: *Totius superfluitatis abjectio*: Uma estreita e mui reformada privação de todo o supérfluo. Vinha Cristo como Rei e Redentor do Mundo a remi-lo e restaurá-lo, e a primeira cousa que fez, como a mais necessária e importante, foi estreitar-se em sua Pessoa, cercar demasias, cortar superfluidades e fazer uma pragmática geral com seu exemplo: *Totius superfluitatis abjectio*. Muitas graças sejam dadas a Deus, que para confirmação ou imitação desta grande razão de estado divina, não temos necessidade de cansar a memória, senão de abrir os olhos; não de resolver escrituras antigas, senão de venerar e amar exemplos presentes. Assim obra quem assim reina; assim sabe libertar quem assim sabe estreitar: *Ut circumcideretur puer, vocatum est nomen ejus Jesus.*

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

